

A maioria moderada

Alvaro Pereira

auc p²

Um encontro do deputado Ulysses Guimarães com o líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, poderá selar amanhã o adiamento da Convenção Nacional do PMDB do dia 21 de agosto para depois das eleições municipais. O pretexto para o adiamento, curiosamente, foi oferecido pelos setores considerados mais "progressistas" do partido, inconformados com a precedência de governadores, ministros e ex-ministros na composição da chapa oficial, liderada pelo próprio Ulysses Guimarães. Os "progressistas" queriam alterar a relação dos nomes do diretório, que passariam a seguir — todos — a ordem alfabética. Assim, governadores moderados como Oreste Quércia, de São Paulo, e Newton Cardoso, de Minas, deixariam os primeiros lugares da lista para integrar a relação final. Seria uma forma de se garantir o apoio desses governadores à chapa oficial, pois a eventual vitória da chapa moderada poderia excluí-los do novo diretório.

Na verdade, os históricos ou progressistas perceberam que a disputa com os moderados lhes reservava algumas surpresas. A aparente superioridade dos setores de centro-esquerda na chapa oficial daria a uma maioria de centro, ou de centro direita, na hipótese (bastante provável) de os moderados conseguirem o apoio de pelo

menos trinta por cento da Convenção Nacional. A conclusão é matemática: com trinta por cento da Convenção, os moderados poderiam indicar mais 36 nomes para a chapa oficial, onde o grupo já está suficientemente representado. Articuladores da chapa moderada, como o deputado Carlos Sant'Anna e o ministro Prisco Vianna, calculam que fariam um mínimo de sessenta por cento do novo diretório na Convenção Nacional de 21 de agosto.

Apesar de seguros da vitória, os moderados admitem conversar sobre o adiamento da Convenção. Um emissário do deputado Ulysses Guimarães — o deputado Cid Carvalho, do Maranhão — já procurou o ministro Prisco Vianna para tratar do assunto. E no encontro de amanhã, Ulysses Guimarães e Carlos Sant'Anna devem concluir que o adiamento da Convenção é a melhor alternativa para o PMDB, cuja sobrevivência seria colocada em jogo pela disputa entre moderados e históricos. Depois da Constituinte e das eleições municipais, o quadro político será outro, bem diverso do atual, e poderá — quem sabe — facilitar o entendimento entre os dois grupos. Ainda que alguns peemedebistas mais afoitos, ante a possibilidade de acordo, prefiram buscar abrigo em outras legendas.

Vicissitudes do PMDB

Oswaldo Peralva

A vitória conquistada pelo deputado Ulysses Guimarães na disputa verbal com o presidente José Sarney, em torno do projeto de Constituição, não foi suficiente para assegurar a unidade do PMDB, prevista com o estreitamento dos laços entre centristas e centro-esquerdistas, em prejuízo da influência dos conservadores.

Esse esquema, aparentemente uma consequência natural da derrota de Sarney e do triunfo ulyssista, revelou-se frágil e se acha ameaçado de resultar em seu contrário, com uma maioria de peemedebistas vinculados ao Presidente da República dominando o diretório nacional do partido na convenção do dia 21.

Com um ano e meio ainda no Palácio do Planalto, o presidente Sarney, presidente de honra do PMDB, dispõe de trunfos poderosos para enfrentar as habilidades e o prestígio

da liderança de Ulysses. Basta ver que permanece no governo federal uma dúzia de ministros filiados a essa agremiação.

Na situação em que se encontra agora o PMDB, o grupo de centro-esquerda prefere adiar a convenção, para não correr o risco da dominação sarneysista no diretório nacional. Se o adiamento se revelar inviável, há a possibilidade de novos desligamentos de peemedebistas, com a transferência para as fileiras do PSDB.

Essa é uma das hipóteses que conduzem ao fortalecimento dos tucanos como organização independente, contrariando a tese dos que apostam num eventual retorno à casa matriz.

A outra hipótese de consolidação se encontra no bafejo das urnas de 15 de novembro.

Em São Paulo, a chapa Montoro-Serra tem boas perspectivas eleitorais. O ex-governador é bom de palanque

e de voto, e o ano final de seu Governo retocou-lhe a imagem de modo bastante favorável.

Em Belo Horizonte, o deputado Pimenta da Veiga também possui chances, conforme o demonstram as pesquisas de opinião. Mas enfrenta um governador, que não poupará recursos e quaisquer meios para obter a vitória de seu próprio candidato. Até porque a derrota em Belo Horizonte será um golpe profundo no prestígio estadual e federal de que goza na atualidade.

No Rio de Janeiro, com menos possibilidades, concorre o deputado Artur da Távola.

Em nenhum dos três casos, mesmo que a luta não termine com êxito, mas desde que mostrem bom desempenho, eles ajudarão a consolidar o partido, servindo de pólo de atração para outros descontentes e desiludidos nas fileiras do PMDB.